

A MORTE DE FÉLIX GUATTARI¹

Sueley Rolnik*

Na última vez que Guattari esteve conosco no Brasil, em maio de 1992, foi feito no Rio de Janeiro, um lançamento de seus dois últimos livros², na forma de uma calorosa mesa-redonda³, na qual o combinado era que cada um de nós lhe dissesse algo, brevemente. O psicanalista Joel Birman, comenta, então, com Guattari, que ficara impactado com um estranho tom de despedida, que se insinuava através de páginas introdutórias de *O que é a filosofia?*⁴, e que gostaria, se possível, de ouvi-lo falar a este respeito. E aí Félix se pôs a falar longamente, e as coisas que ia dizendo, e, talvez mais ainda, o jeito de dizê-las, foi nos envolvendo e criando uma atmosfera cada vez mais densa. Lembro-me, especialmente, de algumas passagens: a primeira coisa que nos contou é que, quando menino, presenciou a morte de seu avô, de quem gostava muito; comentou que o choque deste encontro com a morte tinha sido um marco fundamental em sua vida e, também, que, a partir daí, ele costumava ser arrebatado por intensas crises de angústia, que irrompiam principalmente à noite; recordou ainda que, muitos anos depois, quando conheceu Oury⁵, lhe falou dessas crises, e o amigo sugeriu que virasse a cabeça no travesseiro, para o outro lado, conselho que seguiu e deu certo.

Estas histórias que Félix nos contou, naquela ocasião, voltaram à minha memória, logo depois de sua morte, quando li, num belo artigo de Maggiori, no número de *Libération* que homenageou nosso amigo, que durante um certo período de sua infância, por volta dos seis ou sete anos, Guattari tinha um pesadelo, que se repetia todas as noites. Assim nos descreve seu pesadelo, o próprio Félix: "Uma dama de negro. Ela se aproximava da cama. Eu ficava com muito medo. Isto me acordava. Eu não queria mais voltar a dormir". E Maggiori conta

*Psicanalista, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. Autora dos livros *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (São Paulo, Estação Liberdade, 1989) e *Micropolítica: cartografias do desejo*, em co-autoria com Félix Guattari (Petrópolis, Vozes, 1986).

que Guattari falou deste pesadelo a seu irmão, como anos depois, como vimos, falará algo semelhante a Oury. O irmão lhe empresta, então, um fusil, sugerindo que atirasse na dama, caso um dia ela voltasse. Como mais tarde com Oury, ele segue o conselho e dá certo: a dama nunca mais voltou. Maggiori chama a atenção para o fato de que o que deixou Guattari mais intrigado, nessa história toda, é que ele não tinha armado o fusil, e encerra esta parte de seu artigo, dizendo que ele devia ter sido mais desconfiado, e armado seu fusil, porque um dia, com certeza, a dama voltaria, como de fato acabou voltando, na noite do 29 de agosto de 1992.

Mas se misturarmos este pesadelo com as histórias que Félix nos contou aquela noite, como se fossem partes de um mesmo sonho, talvez possamos pensar de um outro jeito. Se é verdade que foi de noite que ele morreu, e de repente, como se a dama o tivesse pego de surpresa, não me parece que Félix tenha sido tão ingênuo assim ou tão pouco cauteloso. Tenho a impressão que, ao contrário, ele desconfiou tanto, ele tentou bancar a tal ponto o desafio que se apresentou a ele, por ocasião deste seu primeiro embate com a morte que, desde o susto que tomou nesta vez inaugural, até o fim de sua vida, penso que ele praticamente não parou de armar este fusil, um só minuto. Arriscaria até afirmar que toda sua obra filosófica, política e clínica – e, também, sua existência – foi se construindo através de um jogo perigoso e sutil que consistia em ultrapassar o terror provocado pelo impacto da morte (aquelas violentas crises de angústia e seu efeito impotencializador), sem afastar-se, no entanto, do próprio impacto. É que provavelmente, desde aquele susto inaugural, algo nele foi aos poucos descobrindo que quanto mais conseguisse enfrentar a morte, maior seria seu acesso à nascente das formas de existência – ou seja, mais próximo estaria da vida em sua dimensão criadora. E, de fato, sua obra e sua existência foram pautadas por esta invenção incessante de estratégias de aproximação da morte, que eram também estratégias de criação da existência, invenção de uma criatividade surpreendente, dando muitas vezes a impressão de uma vitalidade incansável, mas também, de vez em quando, a impressão de ter exaurido todas as forças. Talvez seja isto o que dava à sua vida o brilho e a velocidade de um meteoro; talvez seja isto também que lhe trouxe uma morte igualmente meteórica. Talvez...

Como ele próprio escreveu, num texto citado no mesmo artigo de Maggiori, sua vontade era “trabalhar o luto por si mesmo como o pianista trabalha suas escalas”. Esse exercício constante de tocar a morte em todas as suas escalas, esta prudente astúcia para dela aproximar-se, sem se aniquilar, esta máquina de guerra armando e rearmando seu fusil, parece ter culminado com a idéia de

caosmose e seus quatro *funtores ontológicos*. Digo “culminado”, porque ficou como o último *round*, a última jogada ou a última melodia, mas também porque este ‘conceito’ parece conter uma espécie de serenidade trágica, num momento em que, como ele escreve com Deleuze, na mesma introdução de *O que é a filosofia?*, ele se encontra naquela “... agitação discreta, à meia-noite, quando não se tem mais demanda nenhuma (...) quando se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir, um dardo que atravessasse as eras”.

O dardo que Guattari envia ao porvir é a *caosmose* e os *funtores ontológicos*, esta apreensão da existência em seu construtivismo. Um tipo de apreensão que só se torna possível, imagino, quando já não nos aterrorizam tanto as rupturas de sentido – esta espécie de ‘estranho-em-nós’, que o efeito do inelutável embate com a alteridade nos faz experimentar em nossa subjetividade; quando conseguimos ir experimentado-descobrimo um aliado neste estranho-em-nós, já que escutá-lo é o que nos permite estar captando as linhas de virtualidade que se apresentam e inventando territórios de existência que sejam a sua encarnação: E se considerarmos que a essência da vida consiste em diferenciarse, podemos dizer que conquistar uma certa capacidade de acolher o estranho, ou seja, de apreender-viver a existência em seu construtivismo, é uma condição fundamental para a efetuação da vida. Da amplitude desta capacidade de acolher o estranho-em-nós, depende o vigor com que a vida se afirma em nossa existência.

Ora, tudo leva a crer que o estranho se apresentou a Félix de modo precoce e intempestivo, convocando um enfrentamento que ele procurou bancar durante toda a sua vida. E parece que neste momento, que ele chamou de “velhice”, estaria encontrando, como ele mesmo diz naquela introdução, uma espécie de “soberana liberdade” – deve ser isto o que lhe dava, nos últimos tempos, um ar de suavidade sóbria. Era um estado, segundo ele, em que passara a “... importar pouco ter conseguido dizer bem ou ter sido convincente, já que de qualquer maneira agora era isto”. E o que vinha a ser “isto”? “Isto” era a apreensão do ser em seu movimento construtivista, esta máquina do ser, esta heterogênesse, aquilo que ele chamou de *ontologia construtivista*. “Isto” é a *caosmose*: a experiência da ruptura de sentido, da desterritorialização, do estranho-em-nós, deixando de ser inteiramente vivida e entendida como portadora de destruição, para ser vivida e entendida, na medida do possível, como portadora de linhas de virtualidade e, portanto, inseparável da vida em suas formas de organização. Quando um território existencial não faz mais sentido, caotiza, desaba, é que uma máquina desmanchou, e isto significa que os fluxos

que o compunham se conectaram com outros fluxos, operando outros cortes, agenciando-se em outras máquinas, produzindo outras linhas de virtualidade, que poderão vir a tomar consistência em novos territórios existenciais. Em suma, agora para Guattari era “isto”: há *cosmos* no *caos*, o caos é portador de complexificação; há uma relação de *osmose* ou de *imanência* entre o caos e a complexidade. E a maneira que ele encontrou para cartografar isto, foi criando seus quatro funtores (fluxos, máquina, universos incorporais ou linhas de virtualidade e territórios existenciais).

E fico imaginando que, de fato, nos últimos tempos, a dama de negro já não assustava tanto Félix; que ele teria conseguido, de algum modo, ultrapassar o terror e recebê-la... Mas sei que é preciso tomar cuidado para não cair na idéia ingênua de que ele teria conseguido ficar inteiramente preparado para recebê-la, idéia tão ilusória quanto imaginar que ele poderia ter se preparado para despistá-la para sempre, matá-la com seu fuzil quando ela reaparecesse, como quis Maggiori, sob o impacto da morte repentina do amigo. Suponho que jamais seja possível receber a dama, tranqüilamente, e, muito menos, despistá-la, definitivamente: penso que a dama só dê sossego mesmo na morte, quando com ela nos fundimos. Provavelmente, não dá para ser de outro jeito e, aliás, nem é para esperar que desse, se pensarmos que aquele jogo perigoso e sutil de aproximá-la sem deixar-se aniquilar pelo terror, é o próprio motor da vida: quando pára aquele jogo, é que a vida se acabou. E se é assim, armar o fuzil não implica livrar-se deste jogo, mas apenas conseguir jogá-lo: ir ampliando a capacidade de enfrentar a angústia e de acolher o estranho. Fico imaginando que o que se alcança com isto é, simplesmente, poder sentir o gosto raro de uma certa suavidade...

Algo assim, é o que Guattari parecia estar vivendo nos últimos tempos... Exatamente por ter podido ampliar, ao longo dos anos, esta capacidade de acolher o estranho em sua própria subjetividade, Félix era – e foi sendo, cada vez mais – um *amigo intercessor*. Amigo intercessor, como eu o entendo, é algo ou alguém que funciona como aliado do estranho-em-nós, este porta-voz da heterogênesse em nossa subjetividade. Ora, a oportunidade de sermos acolhidos no estranho-em-nós é uma das chaves que pode nos abrir o acesso à capacidade de jogar aquele jogo, já que, em geral, tal acesso costuma estar bastante obstruído, o que faz com que esta capacidade seja insípida – pelo menos, é o que acontece no modo de subjetivação predominante em nosso mundo, o sujeito-moderno-em-nós, esta subjetividade neurótica ou *capitalística*, como costumava chamá-la Guattari. Pois o que define fundamentalmente este modo é o terror ao outro e, portanto, ao devir e à morte, e a instauração de uma utopia da unidade,

uma ilusão de completude, mantida pela tutela que este terror exerce sobre a subjetividade e que tende a sabotar todo e qualquer movimento de criação da existência. Em suma, a operação básica deste modo de subjetivação, dominante em nosso mundo, é o racismo contra tudo aquilo que não repõe o idêntico – ou seja, um racismo contra o estranho-em-nós. É que a voz do estranho é ouvida por este tipo de subjetividade, como voz da carência e não do caráter intrinsecamente processual, heterogenético do ser. Muito, ao nosso redor, conspira contra o estranho, e é tão forte este racismo, que necessitamos de intercessores para combatê-lo, senão fica difícil, e, em alguns casos, até impossível. Deleuze e Guattari não param de nos alertar para isto, ao longo de toda sua obra: por exemplo, quando escrevem “precisamos de aliados”, de “inconscientes que protestam”, ou quando falam em *revolução molecular*, esta espécie de conspiração a favor do estranho-em-nós; ou em *dispositivos catalizadores de existencialização* ou de *singularização*, ou ainda, lá no começo, em *grupos-sujeito, analisadores* e assim por diante.

Ter um intercessor da qualidade e da força de Guattari é um privilégio, e isto continua, mesmo após sua morte, pois sua obra encarna o intercessor, com a mesma radicalidade com que ele procurou encarná-lo, durante sua vida. É por isso, talvez, que é comum acontecer de pessoas que o lêem pela primeira vez, comentarem que não entendem quase nada e que, no entanto, experimentam como que um entendimento de uma outra ordem, como se estivessem ouvindo ali algo que sempre haviam sabido sem saber, e que o fato de alguém dizê-lo, traz uma espécie de força inusitada.

Guattari foi e é um intercessor para muitos de nós, no Brasil, mas é bom lembrar que o Brasil também foi um intercessor privilegiado de Guattari. Em uma carta que Félix escreveu, em 1991, para mim e para Paulo, meu companheiro, depois que voltara de mais uma de suas viagens ao Brasil⁶, ele conta que tinha visto uns trapezistas chineses na televisão francesa, que ficara fascinado com as piruetas que eles faziam no ar e, mais fascinado ainda, com o instante em que se agarravam à barra do lado de lá; dizia que estas imagens lhe fizeram pensar muito nos dias que havíamos passado juntos. Ele dava a entender que aquele nosso encontro tinha tido o efeito de um possível de existencialização, uma barra do lado de lá do mergulho cósmico em que ele se encontrava naquele momento, num quase afogamento.

Estendo esta carta a todos os amigos brasileiros de Félix Guattari – os que o conheceram pessoalmente ou publicamente, de perto ou de longe, como Félix ou como Guattari –, como se fôssemos todos nós o seu destinatário; primeiro, porque ele tinha esta generosa capacidade de atribuir a cada amizade uma

importância fundamental; e depois porque sei que o Brasil, e todos os amigos brasileiros, éramos, para ele, de algum modo, este amigo intercessor, capaz de suscitar e ressuscitar sua confiança na travessia da caosmose, capaz de espantar o pavor da aproximação da dama.

Notas

1. Texto apresentado no Brasil, em uma homenagem a Guattari, organizada pelo Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, no Rio de Janeiro, em 8.10.1992. E, posteriormente, na Argentina, no Primer Encuentro en el Marco del Pensamiento de Deleuze-Guattari en Nuestra Actualidad, promovido por Plexus, CISEG (Centro de Investigaciones Sociales, Estéticas y Grupales) e revista *Zona Erógena*, em Buenos Aires, em 30 e 31.10.1992.
2. *Caosmose – Um novo paradigma estético*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992; e, em co-autoria com Gilles Deleuze, *O que é a filosofia?*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
3. Mesa-redonda promovida pela Editora 34 e o Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, em 21.5.1992, com a participação dos franceses Pierre Lévy, Gilles Châtelet, Eric Alliez e o próprio Guattari e dos brasileiros Chaim Katz, Joel Birman, Peter Pelbart e Suely Rolnik.
4. Loc. cit.
5. O psiquiatra Jean Oury é proprietário e fundador da Clínica de La Borde, onde Guattari trabalhou, de 1953 até o final de sua vida, e onde aliás faleceu. Oury foi o principal parceiro de Guattari no campo da clínica, como o foi Deleuze, na filosofia.
6. Nesta viagem, Guattari fez uma série de conferências, que vieram a constituir, com algumas modificações, o livro *Caosmose – Um novo paradigma estético*, loc. cit.